

## Editorial

### O novo coronavírus é pior do que qualquer predador

O número de mortes por Covid-19 continua aumentando no Brasil (106.000 mortes até hoje), com plateau de mais de mil mortes por dia sem previsão de queda. A neurociência pode ajudar? Estratégias comportamentais só auxiliam se tomadas antes do contato com o vírus. Uma abordagem multidisciplinar (neurociência, psiquiatria, psicologia e serviço social) deve ser implementada imediatamente para salvaguardar os que sobrevivem a essa terrível doença..

Situações de risco de vida urgentes como se defrontar com um predador nos levam a expressar comportamentos defensivos como estratégia de sobrevivência. Alerta, congelamento, luta ou fuga são nossos recursos comportamentais para vencer essa batalha. Mecanismos de aprendizagem rápida como o condicionamento pavloviano de medo, que podem imediatamente identificar ameaças e promover reações de defesa, também são acionados para determinar um conjunto de respostas pré-programadas que já se mostraram eficazes na defesa ao longo da filogenia. A seleção natural conduziu à evolução de um sistema comportamental que nos permitiu organizar estratégias defensivas úteis diante do predador. As experiências conscientes que acompanham o comportamento defensivo são também parte da estratégia de sobrevivência. Entretanto, nenhuma dessas estratégias defensivas podem ser utilizadas após o contágio pelo novo coronavírus. Sem defesa comportamental possível o coronavírus torna-se pior do que qualquer predador conhecido.

O coronavírus adquiriu a capacidade de nos matar, mas não é um predador. Quando o coronavírus infecta um indivíduo, não há nenhum comportamento defensivo que possa neutralizar seus efeitos nefastos. Para neutralizar o coronavírus, todas as



estratégias comportamentais descritas acima contra o predador são inúteis. O condicionamento de medo pavloviano ou comportamentos defensivos pré-programados não funcionam na Covid-19. O que temos contra o vírus é a defesa do nosso próprio organismo, com nossos anticorpos e células T programadas para antagonizar o vírus. Os únicos comportamentos que

podem ser úteis contra o coronavírus são a esquiva do contato, isolamento e a manutenção da distância física segura do inimigo. Essas estratégias são levadas a efeito antes da contaminação. Se conseguirmos implementá-las, nosso organismo não é exposto. Se o inimigo não nos conhece, se não sabe onde estamos, continuamos seguros. A higienização, o isolamento e o distanciamento são as nossas armas.

A escolha da melhor estratégia a ser usada contra o predador permite tentativa e erro, mas contra o coronavírus não há escolha; ou temos condições genéticas, fisiológicas ou orgânicas adequadas, ou seremos subjugados por ele. Também não há aprendizado que nos permita minimizar o custo ou prever o que fazer na próxima vez. Isso significa que a aprendizagem por tentativa e erro é uma opção evolutivamente inviável em encontros futuros, se é que vai existir uma reinfecção. A realidade é que mesmo o sistema cerebral que permite a organização ou elaboração rápida de um comportamento defensivo eficiente no confronto com um predador é, ao contrário, alvo da ação destrutiva do coronavírus. Diante desse quadro, quais seriam em termos comportamentais, nossa estratégia defensiva contra esse vírus? Usar máscaras. Porém, além das máscaras, as pessoas ainda se infectam, seja pelo uso inapropriado desse equipamento individual ou por não seguirem os protocolos de higiene, abrindo as portas para a entrada do coronavírus. Assim, uma vez ocorrido o contato, não há uma segunda barreira contra o vírus, a não ser nossas defesas individuais preexistentes, a imunogenicidade celular ou por anticorpos.

A Covid-19 deixa sequelas importantes na saúde mental, particularmente no ambiente caótico em que vivemos no Brasil. E não são só nas pessoas que foram acometidas pela doença, mas também as suscetíveis a distúrbios psiquiátricos que, vendo a epidemia alastrando-se na casa do vizinho, na rua e na cidade, sofrem a angústia, o pânico de também estarem infectadas pelo novo coronavírus. Para enfrentar essa crise acreditamos ser necessário uma abordagem multidisciplinar (neurociência, medicina, psicologia e serviço social) para identificar: a) os fatores sociais que mais contribuem para o aparecimento de doenças mentais e como eles foram agravados pelas condições de vida de indivíduos com diagnóstico de Covid-19, particularmente como consequência das ações erráticas tomadas pelo governo brasileiro que criaram um ambiente de incerteza e desilusão em nossa população; b) os determinantes sociais que estão impedindo a reabilitação de quem está passando por uma doença mental; c) as barreiras e fatores facilitadores para a implementação dos conhecimentos e serviços de saúde mental atualmente preconizados pela Organização Mundial de Saúde.